

Sandra Calçôa

Diário de um Esquizofrénico

Um Ex-combatente do Ultramar

Título original	Diário de um Esquizofrénico
Autores	Sandra Calçôa
<i>Copyright</i>	© 2022, Sandra Calçôa
Capa	Bookmundo
Revisão	Paula Carlos
ISBN	9789403699929

1.ª edição: Fevereiro de 2022

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Autora.

Dia 05 de Fevereiro de 1955

Hoje é o dia mais triste da minha vida. A minha mãe morreu de cancro. Não consigo adormecer. Vejo mortos espalhados pelo meu quarto todo. Manchas pretas a andarem de um lado para o outro e a fazerem barulhos estranhos. Tenho muito medo.

Amanhã vou morar para casa dos meus dois irmãos em Lisboa.



Comecei a trabalhar. Os meus irmãos obrigaram-me a pagar-lhes as contas. Construo estradas na floresta com apenas 14 anos. Eu adoro cerrar as árvores com o serrote. Faz-me sentir bem. Ouvir o barulho das árvores a cair para o chão e o barulho do serrote a serrar. Sinto-me poderoso.

Um amigo meu de infância, que também veio morar para Lisboa, disse-me que me podia ensinar a ser carpinteiro. Eu aceitei a ajuda dele e tornei-me num carpinteiro.

Arranjei muitas madeiras mas as minhas mãos começaram a ter problemas. Começaram a ficar sujas e inchadas. Não sei porquê. Comecei a não gostar de trabalhar ali. Senti que ia ter mais tarde problemas graves nas mãos.

Disse ao meu amigo que não podia continuar a trabalhar com ele porque aquele trabalho me estava a fazer mal. Ele não compreendeu muito bem, mas eu já estava habituado a que não me compreendessem. Nunca mais quis falar com ele. Afinal era um hipócrita e também só queria dinheiro e aproveitar-se de mim.

Na casa dos meus irmãos começaram a acontecer coisas estranhas. As coisas nunca

estavam da maneira que eu as tinha deixado. Quando ia à procura delas encontrava-as sempre num dos quartos deles. Trazia-as de volta para o meu quarto e os meus irmãos começaram a acusar-me de lhes roubar coisas. Eu nunca roubei nada a ninguém. Aquilo era tudo meu. Eles eram uns mentirosos.



Agora tenho 16 anos e trabalho na construção civil, o que nunca devia ter feito porque um colega meu empurrou-me de um andaime e eu caí lá em baixo e parti a coluna vertebral e um punho. Tenho a certeza que foi o Zeca que me empurrou porque foi ele quem me foi socorrer quando eu estava caído no chão. Por isso só podia ter sido ele. Disse que eu me tinha atirado lá para baixo e que ia chamar uma ambulância só para disfarçar.

- Zeca eu sei muito bem que foste tu que me atiraste lá para baixo!

- Estás parvo? Tu é que te atiraste lá para baixo, Manuel. Não digas isso nem a brincar. Começaste a falar sozinho e a dizer “Cala-te, cala-te já não te posso ouvir mais!” e atiraste-te. Vá, fica aí quieto que eu vou chamar uma ambulância.

- Eu? A falar sozinho? Mas estás-me a chamar maluco? Eu mato-te, estás a ouvir? Eu mato-te!

Quando cheguei ao Hospital São Francisco Xavier pedi imediatamente para chamarem a polícia porque o homem que tinha mandado chamar a ambulância me tinha tentado matar. Os bombeiros não ligaram nenhuma ao que eu disse. Aposto que o Zeca os tinha convencido que aquilo era mentira e que eu era maluco. Ainda foi lá visitar-me uma vez ao Hospital, mas nunca mais apareceu. No dia seguinte, quando acordei, estava

preso à cama com duas algemas. Aquele pulha queria mesmo matar-me. Tinha de acabar com ele primeiro. Fugi do Hospital assim que pude e fui direito à casa dele.

-Olha lá meu cabrão, amarraste-me à cama do hospital agora vais pagá-las!

- Oh, Manuel eu estou farto das tuas loucuras, então tu atiraste-me com o soro à cara e querias que as enfermeiras te fizessem o quê? Tu tens de ter calma. Eu sou teu amigo, nunca te fiz mal!

- Eu atirei-te com o soro à cara, como? Se eu nem estava a soro! Tu és um aldrabão. Vou-te entregar à polícia vais ver! Assassino!

Andei uns 300 metros até que vi o meu reflexo numa vitrine e pus-me a pensar: quem sou eu? Porque toda a gente me quer mal?

05 de Janeiro de 1961

Tenho agora 20 anos e inscrevi-me na tropa em Janeiro. Fiz alguns testes de avaliação, mas não deram resultado nenhum. No entanto, já fui chamado para ir para a guerra em Angola. Ultramar. Fui ao dicionário ver o que significava essa palavra. Lá diz que é: “possessões que uma nação tem do outro lado do mar”.

Parto amanhã num navio que vai estar em Lisboa. Eu não queria ir, mas sou obrigado em nome da Pátria. Na semana passada tivemos instrução de tiro com uma espingarda. Não me senti muito bem durante as aulas, principalmente porque os meus colegas estavam muito perto de mim com uma arma nas mãos. Eu também tinha uma, mas sou incapaz de fazer mal a alguém - quanto a eles não sei... - Sempre senti dificuldades em confiar nos outros.

Fui até Santa Apolónia onde o navio Niassa nos esperava. Era um barco gigante. Nunca tinha visto nenhum assim. Eu observava os meus camaradas a despedirem-se dos seus familiares e via que eles estavam com lágrimas nos olhos. Felizmente eu não tinha esse problema. Não tinha ninguém de quem tivesse de me despedir. Esta viagem só eu sabia que a ia fazer. Só ficariam a saber da minha ida caso o meu nome ficasse a fazer parte da lista dos não-sobreviventes. Mas isso não ia acontecer porque eu vou para caçar e não para morrer. Fazia parte do batalhão dos caçadores e era atirador e o meu Alferes era o Alferes Costa.

A viagem até Angola foi muito desagradável. Fomos todos ao monte em cima uns dos outros no porão, parecíamos um bando de porcos. Sentia-se um cheiro a ração de combate azeda porque alguns dos camaradas lembraram-se de vomitar em cima da própria farda e dos

colchões onde nos deitávamos. Eramos cerca de 600 homens e sentíamos que não eramos ninguém. Eu sentia-me assim. Ninguém. Sozinho ali amontoado. Mas alguns colegas até tinham sentido de humor. Apesar dos nervos, partilhavam anedotas e algumas até eram engraçadas. A maioria era sobre mulheres. Ou melhor, sobre mamas e sexo. Eu ficava sempre um pouco acanhado quando falavam naquilo, uma vez que nunca tinha estado com nenhuma mulher, e os meus colegas reparavam na minha timidez e gozavam comigo. Eu até aceitava as brincadeiras deles, até porque -algo me dizia- que ia precisar da ajuda deles lá em Angola.

Chegados a Luanda estavam inúmeras pessoas à nossa espera no caís. Na sua maioria eram negros. Eu fiquei um pouco de pé atrás. Pensei logo que poderiam estar mal-intencionados, uma vez que se ouvia dizer que a UPA queria acabar com todos os brancos em

Angola porque eles escravizavam os negros e torturavam-nos, caso estes não cumprissem com as suas obrigações. Os meus camaradas diziam que a guerra não tinha nada a haver com escravatura e que íamos para uma guerra normal. Mentira! Eu sabia-o. Mas ninguém me ouviu.

Estavam aproximadamente 40 graus em Luanda. Do centro da cidade até ao terreno onde montámos as nossas tendas ainda foram muitas horas a caminhar. As nossas botas chegaram inteiras. Os nossos pés chegaram com uns adereços engraçados. Pareciam aqueles peixes pedra. Claro que só os conseguimos tirar de dentro das botas passadas 2 horas sentados com as pernas para cima. Após a montagem das tendas, deram-nos ordem imediata para formar porque o nosso Alferes Costa tinha um comunicado a fazer-nos.

- Meus Senhores se pensam que vieram para aqui brincar às armas estão redondamente enganados. Isto não vai ser fácil! Vai ter de haver sangue! Cabeças no ar! Angola é nossa e quem a quiser tirar de nós terá de ser sacrificado! Ouviram bem! SACRIFICADO! Que foi o que eles fizeram com os nossos colonos, donos das nossas fazendas! Portanto, amanhã partiremos para o Mato. Quero que varram o terreno todo quando chegarem aos musseques, entendido?

-Sim, meu Alferes Costa. Diziam todos em unísono, em tom de subserviência máxima.

-Muito bem. Atenção! “Irme”! “Ce op”! “Direita volver”! “Destroc'ar”!

Perguntei ao camarada Manuel qual era afinal o objetivo da nossa missão e ele explicou-me. Todos os negros que não tivessem documentos eram para ser abatidos, uma vez que

eram considerados rebeldes, tal como aqueles que tivessem armas nas suas casas.

Pelas 2 horas da madrugada fomos em direção ao musseque mais próximo. Éramos à volta de 30 homens. Não havia luz e as lanternas que levávamos não tinham grande alcance, no entanto, conseguimos chegar inteiros ao alvo, apesar dos tombos que demos e dos arranhões por todo o corpo. Fomos batendo porta-a-porta e varrendo tudo como nos tinham ordenado.

-Levanta-te do chão, preto. Mostra-nos os teus documentos!

-Não entende. -Dizia a criança nervosa, com a voz a tremer.

-Ai, não entendes? Tratamos já de te elucidar! - Disse o meu Tenente Rogério.

-Camarada Manuel queres explicar a este menino como é que é? Queres não, é uma ordem! Abate-o a tiro de imediato!

-Mas, meu tenente, ele não entende, posso pedir a alguém da tribo dele para traduzir o que dizemos?

-Tenente Frades mostra lá ao Manuel o que é uma ordem! Não podemos perder tempo com estes gajos mansinhos, se não perdemos a guerra!

Levei dez socos na cara até cair inconsciente no chão. Desde aí nunca mais ousei colocar dúvidas sobre as ordens dos meus superiores. Acordei ainda deitado no chão com dois camaradas ao meu redor a atirar-me com água para a cara - devia de ser água benta porque me fez despertar logo -.

-Anda, Manuel, temos de continuar, estamos em território inimigo. Podemos morrer a qualquer momento. Levanta-te e cumpre. O nosso tenente quer o puto.

Ainda meio atordoado, e irritado com as dores que tinha na face, segurei na caçadeira e perguntei ao meu camarada para onde tinha ido o preto! O meu camarada apontou para a cubata que estava mais próxima de nós. Entrei dentro dela e puxei o puto por um braço para a rua enquanto ouvia os gritos da sua mãe a implorar para que eu não lhe fizesse mal. Estava cego. Cego de dor. Cego de ódio. Cego de injustiça. Ouviu-se o tiro de caçadeira. Peguei num dos braços estilhaçados da criança e transportei-o até ao meu tenente.

-Meu tenente aqui tem a sua ordem cumprida.

-Agora? Sabes o que vais fazer com isso? Vais carregá-lo às costas durante toda a operação que é para lhes ganhares raiva e para perceberes que eles são para abater, não para compreender! Desfazes-te dessa merda quando voltarmos para o acampamento!

Amarrei o braço do puto à minha mochila na posição horizontal para mantê-lo bem apoiado nas minhas costas e voltei a integrar a secção. Batemos aquele bairro inteiro. Terminámos já eram cerca das 6 horas da manhã. Quando tivemos ordem para regressar ao acampamento, todos os camaradas que tinham tido que transportar partes dos corpos de pretos às costas, de castigo, podiam desfazer-se delas como bem o entendessem, desde que não mostrassem respeito, ou outro tipo de sentimento bondoso, para com esse material indígena. Material indígena que só podia estar embruxado, afinal o meu tenente tinha razão quando me disse que não

podia confiar neles. Os pretos eram nossos inimigos. Quando desamarrei o braço da mochila dei-me conta que estava cheio de bocados de patas de galinha nas costas cortados milimetricamente. Como é que aquilo tinha ido ali parar? As moscas, era normal, mas patas de galinha? Aquele braço tinha macumba.

Quando chegámos ao acampamento no cume de uma montanha fui de imediato tomar banho, enchi um copo com whisky e com as pontas dos dedos desinfetei as costas. O ardor era tanto que me corriam as lágrimas. Arde, cura. Até às 8:00 da manhã consegui manter os olhos fechados, ainda que tivesse ficado com a marca de uma pedra na cabeça que me serviu de almofada durante duas horas sem sequer ter sido notada.

Não me lembro de ter sonhado. Não me lembro sequer de ter pensado. Aliás nem me lembro de ter adormecido. Mas lembro-me bem